

Entrevista com Pepetela

Entrevista realizada por alunos de Pós-Graduação do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, em novembro de 2010.

Aluna do programa: É um prazer enorme recebê-lo aqui Pepetela. Na minha tese de doutorado, tenho feito uma pesquisa com autores moçambicanos e angolanos, e a sua obra, *Os Predadores*. Estou trabalhando a questão da representação das elites nesse pós-dependência. E, nesse sentido, eu queria retomar uma questão que você comentou lá em Ouro Preto, nesta semana. Durante o evento [Fórum das Letras em Ouro Preto, MG] foi perguntado sobre o romance *O desejo de Kianda*, que é de 1995, no qual há uma dura crítica aos governantes, e o senhor respondeu que, à época, estava com muita raiva. O senhor lembra disso, pois naquele início dos anos 90 a guerra civil havia recrudescido em Angola, algo que poderia ser evitado. Estou só retomando as suas palavras muito bem colocadas lá. Em 1992 também teve o romance *A geração da utopia*, que também revelava um estado de desalento com o rumo do país após 1975. E a pergunta é: que sentimentos nortearam a escrita de predadores, de desalento, de raiva ou de perplexidade dentro do presente angolano? É um aspecto das literaturas que a professora Rita Chaves tem apontado recentemente. E como um escritor contemporâneo pode, no seu entender, criar, fazer a sua obra, a partir de contextos tão anti-utópicos que a gente tem visto hoje?

Pepetela: Em *Os predadores* realmente acho que há uma certa sequência que termina a acompanhar um pouco o rumo do país, naquela primeira fase de fazer um país novo. Na verdade, temos uma frase muito interessante, um pouco anti-africana até, mas que cravava um pouco o estado de espírito, dizia: nós não vamos fazer um país africano, vamos fazer um país em África. Porque os países africanos, nos anos 1970, já revelavam um processo que não era o melhor pra depois da independência. Então nós achamos que íamos fazer um país novo, um país diferente, e não um país africano como os outros. Mas rapidamente se compreendeu que ia ser mesmo um “país africano”, digamos assim, entre aspas. Compreendia-se que haveria algum aparecimento de alguns aproveitadores, mas não se esperava que fosse com a força e com a desigualdade social

gerada pelo processo de uma forma muito rápida, nos anos 1990. Realmente, no fim dos anos 1980, princípios dos anos 90, surge essa classe, nova classe, que é uma burguesia. Uma burguesia não produtiva, burguesia de consumo de luxo, particularmente luxo, que se vai chamar talvez de um grupo ou uma seita de novos ricos. Muito ligados entre si, familiarmente até também, mas todos saindo do mesmo modo, quer dizer, MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola, a partir do poder e que formaram os novos ricos de Angola a partir do Estado. Essa é uma questão que é muito de um processo comum em África, dependendo claro das próprias riquezas de cada um dos Estados. Há um caso que é um caso muito interessante, que é o caso do Gabão. O Gabão é um pequeno país ao norte do Congo que tem petróleo. Não tem uma grande produção de petróleo, mas tem o suficiente para os seus dois milhões de habitantes. Na época da independência, era um milhão de habitantes. E então o Hadj Bongo, presidente quase que eterno do Gabão, que morreu uns anos atrás, viu que havia mil aldeias, então ele cooptou mil pessoas, uma de cada aldeia, que ficavam ali ao pé dele, eram uma espécie de secto. Alguns eram ministros, outros eram diretores, e isso e aquilo. E então distribuiu o dinheiro do petróleo por mil pessoas, e cada um ficava mais ou menos responsável por redistribuir o valor nas aldeias. E criou-se um país muito estável, do ponto de vista político, e económico e socialmente não muito. É um exemplo bem característico de sugar o dinheiro do Estado e distribuir. No caso do Gabão, de uma forma até mais ou menos qualitativa. No caso angolano, como um dos países africanos, o processo foi extremamente rápido e começou, sobretudo, antes das eleições, portanto, 1990-1991, em que a classe dominante, a classe dirigente assustou-se pelo perigo de perder o poder. Podia perder as eleições. Era preciso orientar as pessoas. O termo era esse, orientar, criar alguma coisa porque o futuro não sabe como é que vai ser. Nesse período, por conta das eleições, realmente houve uma fuga de capitais, de dinheiro e de família para o exterior. *Predadores* mostra um pouco isso: no princípio, a família vai partir porque vai haver eleições, depois das eleições vai ver o que há, era a perspectiva de fato. Portanto este livro nasce desse período de posse eleitoral e, posteriormente, para mostrar o percurso de uma pessoa realmente vinda do povo. Eu podia ter pegado de outra origem, mas eu realmente quis mesmo pegar vinda do povo. Alguém que nunca tinha feito nada, era um jovem que nunca tinha estudado muito, de uma família humilde, com o pai se fazia de enfermeiro sem sequer ter informação para isso. E ele acaba por ir aproveitar os diferentes momentos políticos para subir pouco a pouco na hierarquia da função pública, até se tornar um capitalista. E não é dos maiores, mas é

assim um médio rico. E como tem acontecido, e que infelizmente o futuro tem vindo a confirmar, a maior parte das riquezas que estes novos ricos conseguem aproveitar do Estado vai para o exterior, para as mãos de estrangeiros. Não vão para exterior porque estão num banco da Suíça. Não. Uma parte será isso. Mas a maior parte vai porque os estrangeiros estão mais habilitados no empreendedorismo, tem mais capacidade de roubos e acabam por roubá-los. E é um pouco o que acontece com o personagem de *Predadores*, uma boa parte do que ele acumulou vai para um americano e um paquistanês, estrangeiros. Agora, no ambiente da literatura, eu quis fazer de experiência numa espécie de base no tempo. Pode-se pensar que é uma história que começa de A a Z, e depois eu misturei. Mas não, de fato foi escrita assim. O desafio era este e foi escrito exatamente assim. Começa com um capítulo em 1992, o capítulo seguinte é uma ação em 1975, depois é 2001 e vai para frente e para trás e foi escrito exatamente assim. Claro que é muito mais arriscado, escrever o futuro do personagem depois escrever o passado. Mas eu tenho que me divertir também. A diversão foi esta exatamente de andar a brincar um bocado. E parece que os diferentes revisores deste livro não notaram grandes incongruências. Podia haver, era normal haver. Mas do ponto de vista da técnica utilizada, foi esta. Não foi de escrever uma história e depois da fase final misturar. Foi mesmo assim.

Aluno do programa: Em 2006, Maria João Ganga fez um filme chamado “Na cidade vazia”, em que traçou aí o roteiro de áreas que Ngunga tinha feito umas décadas atrás. Dessa forma a gente pode falar que “Na cidade vazia” revisita *As aventuras de Ngunga*, até porque tem uma homenagem no filme expressa diretamente ao senhor. Que relações nós podemos estabelecer entre estas duas histórias e o que é ser criança em Angola hoje?

Peptela: Bom, você pergunta as relações entre as duas histórias. Uma é um pequeno romance, a outra é um filme. Maria João teve muita dificuldade. Há muito tempo este projeto foi escrito, e eu li o roteiro, muito tempo antes do filme ser feito. E claro que há uma relação, mas é uma recriação. Uma recriação mesmo, de fatos absolutamente novos. E, fundamentalmente é a questão da criança, do jovem na guerra, ou na violência, sofrendo a violência. No caso do livro, mais a violência da guerra no mato, no caso do filme, a violência na cidade. E é digamos um filme que retrata um período complicado das cidades urbanas de modo geral, mas particularmente a capital, em que

havia muitos meninos de rua. Meninos e meninas de rua, não só meninos do sexo masculino. A um momento dado, eu estava particularmente assustado com esse fenômeno, porque eles eram humilhados. Humilhavam as crianças. Alguns efetivamente órfãos, outros não. Outros enviados pelas famílias para a rua. Ou expulsos pelas famílias por alguma razão, outros diziam “não, ficas na rua, sempre percebes alguma coisa e trazes pra casa alguma coisa”. E, portanto, o panorama era assustador para o futuro. Tanta criança na rua, quer dizer, uma boa parte acabaria por se tornar delinquente. Felizmente, nesse aspecto, acho que houve um trabalho bastante grande que foi feito. Não só do Estado, mas também de todo tipo de organização, igrejas, algumas de ação não governamentais, foram criados lares para essas crianças e hoje o fenômeno não é realmente importante. Não se vê crianças a dormir na rua, isso acabou, e provavelmente há muitos desamparados, mas não ao nível que se vinha a pensar. Eu sou eterno otimista, lendo os livros talvez não se dê conta disso, mas intimamente eu sou eterno otimista. E creio que, eu vejo, vislumbro, que há um futuro um pouco melhor para as crianças agora. E vê-se por números, a mortalidade infantil já baixou bastante, ainda é muito alta, ainda é exageradamente alta, evidentemente, mas baixou. Ultimamente, nos últimos anos as coisas estão a aumentar muito rapidamente, num ritmo muito forte. Passamos de 2 milhões de crianças na escola, em 2002, para 6 milhões de crianças na escola, em 2008. Portanto, em 2010 já mais de 6 milhões. E por aí tem vindo a aumentar, não só em nível de primeiras classes, mas também do secundário para o universitário, e mesmo no universitário está a crescer rapidamente. Nesse aspecto, estamos a caminhar depressa. É evidente que há um problema com o ensino que é a qualidade do ensino de base, sobretudo falando de crianças. A qualidade é baixa, sem dúvida alguma. E há uma série de projetos para melhorar a preparação de professores. Coisas que existiam, é engraçado que existiam, nos primeiros anos de país independente, e que depois com a guerra e com outras preocupações foram se perdendo. Agora estamos retomando. Hoje as crianças têm uma vida muito difícil, exceto, claro, os meninos que vão estudar a primeira classe já no estrangeiro. Os filhos dos ricos não ficam. Nem sei se ficam na creche, eu tenho dúvida. Acho que vão para o estrangeiro, de preferência. E a preferência vai mudando, agora prefere-se os Estados Unidos. A princípio, a preferência eram países do Leste Europeu e Cuba, mas isso era outra filosofia. Depois Portugal, a seguir começou a ser também França, Inglaterra, depois África do Sul, quando a África do Sul mudou com o fim do Apartheid. Agora é Estados Unidos. Quer dizer, os brasileiros hão de compreender bem isso, que também tiveram a

atração para a Europa, e depois viraram a atração para os Estados Unidos. Mas com exceção desses filhos de ricos que vão logo para o estrangeiro, os outros vão estudar naquelas escolas com muitas dificuldades, com pouco material. Está a ser feito agora muito material, mas não há. Houve, mas milhares de escolas foram construídas nestes últimos anos, milhares. No ano de 2008, foram 1250 escolas. Quer dizer, desde o fim da guerra se está a construir muito. É o que explica o crescimento escolar. Começa a notar-se certa diminuição, e o objetivo é esta diminuição grande do número de alunos por turma. Nós chegamos a atingir 60, 70 por turma e o objetivo é ir até os 25, 30 e o Estado está a diminuir, que dizer, há mais pessoas, há mais escolas. E vamos a ver, quando eles crescerem um pouco mais, que as crianças se tornem homens com preparação para a vida.

Aluno do Programa: Mais uma pergunta: quais as relações que podemos estabelecer entre *A geração da utopia* e *As aventuras de Ngunga*? Em *As aventuras de Ngunga* o senhor parece um tanto esperançoso sobre uma Angola utopicamente concebida; em *A geração da utopia* nos parece um tanto já distópico da situação relatada ali no livro. Gostaria de saber o que o autor acha sobre isso.

Pepetela: É uma questão de tempo. Digamos que *As aventuras de Ngunga* foi escrito em 1972. Embora houvesse algumas dúvidas, hesitações e problemas que eu já havia relatado em *Mayombe*, que é anterior, *As aventuras de Ngunga*, como era também mais para a escolas, tinha que ter também uma comunicação um pouco menos crítica e um pouco mais otimista, fatalmente. Ao passo que a *A geração da Utopia* já é escrito em 1991-1992, com uma pequena parte, a segunda parte, que foi escrita em 1972, portanto, logo em seguida a *As aventuras de Ngunga*. Mas aí é a parte da “Chana”, acho que se chama “A Chana”. Eu digo acho porque já não tenho lembrança ativa, desde que o livro é publicado nunca mais leio, depois vou esquecendo. Fico com uma ideia geral, mas detalhes menores eu perco.

Aluno do Programa: Tem “A casa” que é escrito em 1961.

Pepetela: É, mas “A casa” é escrito em 1991, a ação decorre, claro, anteriormente. Mas “A chana” é escrita em 1972, com a ação a correr em 72. Depois as outras duas partes são escritas em 1991-1992. Quer dizer, o livro foi terminado nos primeiros meses de

1992. Aí ocorre uma outra situação no país. Já tínhamos experimentado a utopia que não se realizou. Já tínhamos todos compreendido o que víamos. Já estávamos a assistir o aparecimento da tal classe de “Predadores”, estávamos a assistir ao fim daquelas pessoas marxistas, socialistas e etc. Finalmente era o momento em que voltava a dizer “eu sou católico”, “eu sou crente”, menos membros do partido político marxista. Nenhum era ateu como o materialismo histórico dizia e todos defendiam. Os africanos eram religiosos. É a essa altura que a escrita evoluiu evidentemente, retrata outra realidade, as diferenças tinham que ser acentuadas.

Aluno do Programa: A minha pergunta é uma pergunta sobre as leituras do escritor, porque um escritor tem que ser sempre um grande leitor, imagino. Então gostaria que o escritor falasse de dois autores. O Antônio Calado prefaciou a edição brasileira de *Yaka*. Qual o seu conhecimento da obra do Calado e o que pensa sobre ele? E a outra é sobre um escritor que, embora seja um clássico, já não é muito lembrado, o Hemingway. Como é que um escritor africano, ou seja, do continente africano, via esse escritor que andou por lá fazendo histórias e tendo uma relação com a África? Então, Pepetela, a gente sabe o que outros falam sobre isso, mas eu nunca ouvi um escritor africano falar sobre Hemingway e a sua relação com a África. É isso que eu gostaria de saber.

Pepetela: É, na verdade eu conheço os dois. Conheço os dois e pessoalmente eu só conheci Antônio Calado. Meu encontro com Antônio Calado foi na Argélia. A mulher, ainda está viva, de Miguel Arraes, do doutor Miguel Arraes, estava na Argélia. Eles estavam refugiados lá, e ela me ofereceu o *Quarup*. Bom, uma confidência. Foi a primeira prenda que dei a minha mulher. Encontrei *Quarup* em plena guerra de Benguela, Lobito, mas foi numa livraria de Lobito, encontrei *Quarup* e comprei e paguei 50, não me lembro... E lembro da dedicatória dizer cuidado, quer dizer, um revolucionário não é só uma pessoa dura. É, portanto o meu primeiro contato com a obra de Antônio Calado foi *Quarup* que me fascinou. Foi o único que eu li nesse período. Só depois, muito depois da independência consegui ter acesso a outros livros dele e fui lendo, depois o conheci pessoalmente. Estivemos juntos na Alemanha, num encontro de escritores na Alemanha, em que também estava o João Ubaldo Ribeiro, e nos tornamos amigos. Muitas vezes depois nos encontramos e, no Rio, ia sempre visitá-lo. Em um momento dado a editora quis que alguém fizesse o prefácio. Pensaram em Jorge Amado, não sei se chagaram a contatar. Aí lembraram que éramos amigos e

convidaram Antônio Calado. O Antônio Calado resolveu escrever o prefácio do *Yaka*. E coisa curiosa é que depois foi publicado em Portugal, mais tarde, e mantiveram o prefácio. Só depois, em edições posteriores é que tiraram o prefácio, que não fazia muito sentido para Portugal, claro. Mas portanto, eu tinha uma grande admiração pela obra dele e a conheço. E acho que começa a ser esquecido.

Aluno do Programa: Estou trabalhando com ele justamente para que isso não aconteça.

Pepetela: Ainda, há pouco tempo, estive com a mulher dele, com a viúva, e ela disse “É, estão a esquecê-lo”. Eu disse pois é escusado. Ser morto não é muito bom não. Não é um bom estado para uma pessoa. E em relação ao Hemingway, eu conheci a obra muito antes da de Antônio Calado e eu costumo dizer que Hemingway é um dos que me influenciou. Provavelmente é um dos escritores perfis a um momento dado. Começou com os brasileiros, primeiro brasileiros, portugueses tínhamos que ler na escola; não Eça de Queiros que era praticamente proibido. Outros escritores portugueses, particularmente Camões. Tínhamos que estudar *Os Lusíadas* de uma ponta a outra. Mas depois sim entrei na literatura norte-americana. Steinbeck, Hemingway, John do Passos, Caldwell, Faulkner. Mas um dos que penso que me terá a um momento dado influenciado foi Hemingway. Sobretudo, alguns estudiosos disseram nos meus primeiros livros, nota-se que há uma influência nos diálogos. Fundamentalmente naqueles diálogos longos. Depois quando me apercebi disso, quando disseram, eu disse tenho que escolher um pouco mais esta influência. E hoje não faço mais esse tipo de diálogo. Mudei completamente. Mas para mim sempre foi um escritor muito importante. E é aquilo, sei que o estilo dele realmente parecia muito naturalista talvez. Não tanto os livros africanos de Hemingway. Os que marcaram mais foram *Fiesta: o sol também se levanta*, *Paris é uma festa*, *Por quem os sinos dobram*. E depois, curiosamente, durante a guerrilha, na parte leste de Angola, portanto fronteira com Zâmbia, língua inglesa, na fronteira, encontrei um livro dele, *Ilhas na corrente*, em inglês. Foi um livro que me acompanhou num trajeto que eu fiz em Angola com muita guerra e que durou uns quatro meses e o meu livro era *Ilhas da corrente*, do Hemingway, no original. Então eu dizia estou bem, estou bem acompanhado, tinha de um lado Mao Tse Tung, *Escritos Militares*, e Hemingway do outro lado. Perfeito. Uma combinação maravilhosa.

Aluno do programa: Você tem muitos romance, sendo os primeiros romances com contexto de guerra. Em encontro recente, uma professora que fazia uma análise de um romance moçambicano chamou um romance de guerra de romance de testemunho. Você se sentiria `a vontade se chamassem também seus romances, esses romances que falam sobre a guerra, de romance de testemunho?

Pepetela: Até certo ponto, apesar de ser ficção, é uma ficção baseada em uma realidade que existiu. Os personagens não são reais, são fictícios. Muitos dos acontecimentos também são fictícios, mas há outros que são verdadeiros mesmo, que aconteceram realmente. Mas até certo ponto são construídos, sobretudo em *Mayombe*. E a Chana na *Geração da Utopia*. Fundamentalmente esses. Por exemplo, o *Mayombe* começa com uma cena de guerra autêntica. Autêntica mesmo, que eu via até como um filme. Nasce de um combate, com aquela pressão toda. Está quase a seguir a realidade no livro nessa coisa de combate. E depois os personagens começaram a autonomizar-se, e ação ficcional foi dominando a realidade. Mas o princípio é praticamente uma espécie de reportagem do que se passou. Com a retirada de um episódio que talvez tenha sido o mais interessante, que na realidade aconteceu e não pus no livro porque me parecia que ia desviar muito a coisa, que é a caçada de um elefante. Foi assim: um elefante significava trinta dias de comida.

Aluno do programa: Mas como se conservava a carne?

Pepetela: Fumada. E nós a enrolávamos para andar com ela. Íamos cortando a carne seca fumada, com fumo. Essa parte eu não pus, e eu acho que até mais interessante. Só que na época talvez eu fosse demasiado político, e aquilo não era político. Não sei, um dia talvez ainda conte esta história, talvez num conto, porque é muito divertida.

Aluno do programa: Depois de todas as questões que se passaram em África, e em Angola essencialmente, você ainda hoje se vê um homem de esquerda?

Pepetela: Sim, sempre. Já nem sei bem onde é que está a esquerda, mas eu continuo sempre à esquerda do espectro. Sem dúvida. Se eu, por exemplo, a partir do momento que se considera a social democracia ser de esquerda, eu digo não, vocês são da direita mesmo, porque eu estou muito à esquerda de vocês. Sim, continuo sendo um homem de

esquerda. Esquerda no sentido de que acho que deveria haver menos desigualdade social. Deveria haver maior justiça social. Que as liberdades política não cheguem, são importantes e é bom, mas essas liberdades políticas nunca são suficientemente aproveitadas se não se tem o resto, a parte social econômica, etc. De que adianta ter liberdade política se não se pode usá-la? Se não temos liberdade financeira sequer. Está associado evidentemente com a democracia sim, mas com justiça e com igualdade social. Igualdade de oportunidades pelo menos. Depois que as pessoas se diferenciem porque uns são mais capazes que outros tudo bem. Mas na partida, as oportunidades deveriam ser iguais para todos. Acho que isso é ser um homem de esquerda hoje. Não sei. Pode ser que ser de esquerda hoje seja defender que Marte deve lutar contra Netuno.

Aluna do programa: Quando *As aventuras de Ngunga* foi escrita, havia uma intenção ideológica. O senhor acha que esta intenção foi cumprida hoje, tantos anos depois?

Pepetela: Cumprida na prática não foi. Sobretudo porque estampa a criação, ou aquilo que nós chamamos a criação do homem novo. Homem despido exatamente dessas ambições pessoais, dessa ganância que existe. E isso não foi de maneira nenhuma cumprido. É claro que era ideológico, e era um texto assumidamente pedagógico, porque era feito fundamentalmente para apoiar as escolas. Não havia nada para ler, além dos manuais escolares que nós próprios tínhamos feito, não havia mais nada. Os jovens, crianças, jovens e até os adultos que estudavam nessas nossas escolas na altura da luta de libertação não tinham nada para ler. Havia um jornal do movimento que saía de mês a mês, e que aparecia, na zonas de guerra, três ou quatro meses depois de ter sido impresso. Era a única coisa que havia para ler e era muito pouco, e praticamente tratava só política, propaganda do movimento. De maneira que eu sentia que havia falta de leitura e resolvi escrever textos. Eram textos que podiam ser separados e que no mesmo dia eram traduzidos para a língua da região. De maneira que as pessoas podiam ler em português ou mbunda, que era a língua da região, e aprender uma e outra. Mbunda que não estava escrita em sua versão popular, só a sua versão estava escrita na Zâmbia, onde havia uma aristocracia mbunda, mas a versão popular não estava. Era uma forma de ter textos nessa língua e, a partir daí começar a descobrir regularidades que pudessem dar origem a uma gramática no futuro. Bom, já estamos a assistir isso. A idéia era essa. Não era escrever um romance. Só que o personagem começou a crescer, a impor-se, então a

historiazinha nasceu. Com, evidentemente, as ideias que nós tínhamos na época que achávamos que seria aquelas que iriam triunfar em Angola.

Aluna do programa: Em *Jayme Bunda, o agente secreto*, acompanhamos do Jayme Bunda, na cidade, então Luanda é muito importante nesse livro. Ele vai pra cá e pra lá, sempre investigando, com aquele carro. Então tomamos contato com Luanda. E vamos, através da investigação dele, tomando contato com vários bairros da cidade. Roque Santeiro, Cidade Alta, além das monções aos prédios novos que estão sendo construídos. Uma que fica é como é a circulação das pessoas na cidade, na Luanda real, do ponto de vista da origem econômica delas. Existe algum confinamento geográfico relacionado com as diferenças sócio-econômicas?

Pepetela: Desde que o livro foi escrito pra cá, a cidade ficou mais complexa em termos da movimentação das pessoas, tráfego caótico e é muito difícil movimentar-se. Eu acho que Jayme Bunda hoje teria muito mais dificuldade em perseguir os outros. Mas realmente Luanda tem diferenciações. Há uma parte central, antiga cidade colonial, é aquela privilegiada. Há luz elétrica, água, é asfaltada e etc., os prédios são melhores, as casas são. É onde a classe média ou a classe mais alta vive, nesta parte central mais próxima da baía. E depois há cada vez mais os chamados musseques. Nós chamamos musseques os bairros populares como Boavista, que provavelmente se fala aí no livro, que são, por exemplo, bairros de trabalhadores ou pessoas sem trabalho, portanto pobres, que vivem com grandes dificuldades, casa de pau a pique e que pouco a pouco vão pondo um telhado de zinco, depois melhoram um bocado para aquelas chapas onduladas, e vão pondo umas paredes já de cimento e etc. A medida que conseguem algum dinheiro, vão melhorando um pouco, são espaços muito pequenos para famílias muito grandes. E esses bairros nunca mais acabam. Hoje em dia há uma realidade, que vem crescendo desde os anos 2000, que são os condomínios. Claramente herança brasileira levada pela Odebrecht. A Odebrecht já estava lá em Angola para fazer a hidroelétrica de Capanda e depois fez o primeiro condomínio ao sul de Luanda, naquilo que hoje se chama de Luanda Sul que é uma outra cidade, cidade da classe média ou média alta, com uma desvantagem pra gente que vive nessa cidade que demora uma hora, uma hora e meia para se chegar ao centro. Os que vivem no centro são privilegiados nesse aspecto, mas as boas casas, enormes mansões e tal estão agora na periferia. Portanto, aí é um outro aspecto, e é muito recente, de segregação social com

relação aos novos ricos. Normalmente os novos ricos tem casa dentro da cidade, casa em Luanda Sul para o fim de semana, e casa no sul que é península. Nós chamamos de ilha, mas não é ilha, é uma enorme península de quarenta quilômetros a frente de Luanda, além da ilha de Luanda, que essa é mesmo uma ilha, há outra do sul em que há casas de fim de semana. Portanto, os novos ricos tem casa também em Miami, também no Rio de Janeiro e etc. Mas lá em Luanda tem duas ou três casas, durante a semana vivem no centro, depois passam para Luanda Sul. Portanto, há essas diferenciações sociais. No tempo colonial, havia dois bairros para os mais ricos, Miramar e o Avalar, que foram tomados de assalto na altura da independência pelos dirigentes que foram para o governo, os do partido. Eles tomaram de assalto esses bairros e os outros bairros foram também tomados de assalto pela população que vivia nos bairros periféricos, porque com o medo da independência, as pessoas que viviam no centro, que eram portugueses ou descendentes de portugueses, ou ainda angolanos com medo de alguma coisa porque talvez no tempo colonial tivessem feito alguma coisa, fugiram para Portugal, para o Brasil, para África do Sul, sobretudo, para Portugal. Então a cidade ficou vazia no centro. É claro, não ficou vazia muito tempo, em quinze dias foi logo ocupada pelos que estavam a volta e pelos dirigentes, que ocuparam os bairros mais ricos, com casas maiores. Essa foi a primeira ocupação. Depois entrou o afastamento com a criação de bairros populares a volta desse casco urbano que era uma espécie de semicírculo, portanto, da baía de Luanda, e que faz com que hoje Luanda seja uma cidade com cerca de seis milhões de habitantes que se estende numa faixa de largura com relação ao mar de uns cinco quilômetros e de comprimento uns oitenta quilômetros. É Luanda hoje e é infernal. Neste momento, começa a tentar a se resolver um pouco esse problema do tráfego com uma semicircular, alguns chamam autoestrada, mas uma semicircular com três ou quatro vias de cada lado, e que depois se abre para entrar na cidade. Com problemas imensos, que significa partir muitas casas mais pobres, claro, ao invés de fazer o contrário. Quando eu era professor era exatamente isso que ensinava, pois dava sociologia urbana. Aqueles que hoje governam Luanda foram todos meus alunos e de fato fazem exatamente o contrário do que eu lhes ensinei e que era: primeiro constroem-se bairros de trânsito onde se põem as pessoas que vão ser retiradas de suas casas. Por partes, depois constroem e as pessoas então regressam e o bairro de trânsito fica livre de novo para receber outras pessoas para se fazer intervenção em outra área da cidade. É assim que se tem que fazer, mas não aprendem. Os alunos nunca

aprendem com os professores. Os meus antigos alunos estragaram Luanda completamente.

Aluna do programa: O senhor esteve na Casa dos Estudantes do Império. Eu imagino que naquela época que estava lá, pelas leituras que a gente faz, teve uma geração que estava lendo alguns livros. A gente sabe que se lia John dos Passos, o Hemingway, Faulkner, Jorge Amado, o Marx, Engels e outros, que acho que deveria ser leitura em comum entre todos vocês. Mas antes do senhor fazer “Jaime Bunda”, na “Geração da Utopia”, tem um diálogo entre o Sábio e Sara em que ele diz que há bons romances policiais. Queria saber se naquela época que o senhor estava na Casa dos Estudantes do Império leu romances policiais? O senhor leu Hammet?

Pepetela: Lá li também, mas li antes de ir pra lá. Li muitos romances policiais. *O Falcão Maltes*, claro. Como é que se chama? O personagem é o Perry Mason. Stanley Gardner. Philip Marlowe, Chandler. Havia uma coleção em Portugal que chegava a Angola, a Coleção Detective, de livros policiais. Mais tarde havia outra coleção, a Coleção Série Negra, que também era de livros policiais. E podemos juntar a isso os livros que li nessa altura Casa do Império, alguns deles policiais, de investigação, por aí. Sim, li muito. Ainda continuo lendo. É claro Roland Doyle, Agatha Christie, Simenon. De vez em quando ainda leio.